

A Lenda de
ASA
BRANCA

**ZIMBRINO DAS ALMA
E O SETE PELE**

por Bruno Mais Ois





Zimbrino das Alma E o SETE PELE

BRUNO MAIS OIS

Registro da obra®:	Bruno "Mais Óis" Moraes Alves
Texto, Edição e Revisão:	Bruno "Mais Óis" Moraes Alves
Diagramação:	Bruno "Mais Óis" Moraes Alves
Ilustrações do Interior:	Bruno "Mais Óis" Moraes Alves, MidJourney, Sora e Dall-E 3

ISBN 978-65-01-62660-4

Ficha Catalográfica:

A474a ALVES, Bruno Moraes. A Lenda de Asa Branca: Zimbrino das Alma e o Sete Pele Bruno Moraes Alves; Ilustrações: Bruno Moraes Alves; Sobral: UICLAP, 2022. 83 f. : il ISBN 978-65-01-62660-4 Código de Assunto B869.3 Literatura brasileira. Ficção e contos brasileiros Subgênero 1. Ficção; 2. Ficção brasileira; 1. Título CDD: B869.3 CDU: 821.134.3(81)-3
--

Versão impressa por UICLAP

*Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9.610/1998 (Direitos Autorais).
Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra
para publicações em PDF na internet sem autorização
expressa e prévia, por escrito, do autor.*

*Proibida a reprodução por quaisquer meios com fins comerciais,
sem autorização prévia, por escrito, do autor.*

Entre em contato com o autor:

Bruno Moraes Alves

brunomoraesalves.com.br

e-mail: bruno_ma@hotmail.com

À minha querida e orgulhosa terra,
lugar rico em tradição e cultura... meu amado Ceará.

Nota do autor:

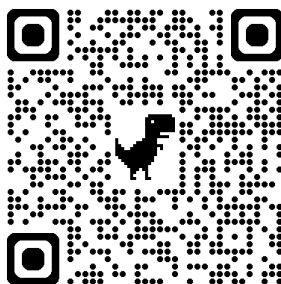
Este livro e as histórias aqui contadas pertencem ao mundo fantástico de **A Lenda de Asa Branca**, de autoria de Bruno Moraes Alves. Foi escrito por um nordestino, cearense, apaixonado por sua terra.

Por uma escolha de estética literária, o autor optou por usar uma escrita gramaticalmente incorreta para simular o sotaque predominante no nordeste.

De nenhuma forma a utilização dessa escrita fonética a adoção de termos nordestinos presentes neste livro, alguns hoje considerados politicamente incorretos (como “caboco/caboclo”) devem ser interpretados pejorativamente. Pelo contrário, esses elementos têm um objetivo de disseminar conhecimento sobre a riquíssima cultura nordestina, ignorada por muitas pessoas de outras regiões do Brasil, e refletir com verossimilhança a linguagem e pronúncia usadas no nordeste, aumentando a imersão do leitor neste mundo fantástico.

Este livro mistura fatos com ficção, lugares históricos com personagens imaginários, e deve ser lido como uma obra fictícia dentro desse nordeste mágico e alternativo do início do século XX.

Conheça outras obras do autor por meio do website brunomoraesalves.com.br (acesse o link por meio do QR code abaixo)





Existe um mundo extraordinário que se sobrepõe ao sertão. Esse mundo é conhecido como Encantaria (ou Terra do Encantado).

É um lugar puro, que originalmente era habitado apenas por espíritos de luz e criaturas míticas. Segundo a tradição indígena, é também o lar do guardião espiritual do nordeste, o grande Asa Branca, designado por Deus para cuidar do sertão.

O Asa Branca tem a aparência de um maravilhoso carcará, ave de rapina característica do nordeste, mas com um tamanho imensamente superior que um carcará comum, com uma envergadura que chega a quase dez metros.

As antigas tribos que habitam o sertão o chamam de *"Apó Tinga"* ou *"Apótinguara"*, que significa *"Asa Branca"* ou *"Senhor das Asas Brancas"*, por causa de pequenas partes brancas em sua asa, que refletem a luz do sol e ofuscam a quem olhar.

Por muitas eras, o Sertão e a Encantaria coexistiram em equilíbrio.



Até que veio o Coisa-Ruim, o Capeta, o Cão, que deseja destruir tudo de bom que Deus criou, e acabou com o equilíbrio entre a Encantaria e o Sertão.

Ele sussurrou o mal nos ouvidos dos homens, lançou a seca sobre o nordeste e espalhou tudo quanto é visagem pela caatinga.

Daí vieram os Corpo-Seco, os Sete-Pele, as Cabras Cabriolas, os Encourados e várias outras pestes...

Mas reza a lenda que, uma noite, perto dos anos 1900, quando uma rasga-mortalha chirriou entre o sertão e a Encantaria, aos pés de uma árvore Jurema-Preta, foi encontrado um bebê.

Aquele bebê se tornou o caboclo mais invocado do Sertão.

Seu nome? Zimbrino das Alma.
Sua história? Você vai começar a conhecer agora.



“...porque o caboco, Zimbrino...

O caboco é o índio do sertão.”

(Mãe Jeri)







Fazia trê dia e trê noite que eu pirsiguia um Sete Pele. Eu sempre fui assim mermo. Quano eu cumeço uma coisa, num paro inquanto num terminá. E tomém eu nem podia. Sei que se eu parasse, o djabo num pararra.

O desgraçado matô uma famía todinha. Pai, mãe, trê fi... inté o pobe dum gato o bicho isfolô. A casa ficou mêi mundo de sangue.

Num tinha coma deixá um bicho desse solto não. Caricia de ele pagá... E se ficasse solto, aí é que o papoco era maió: la continuá matano inté interá sete dia e sete noite... la rodar o sertão todin antes de voltá pro inferno.

Só Deus sabe por onde ele tinha atravessado dos Inferno pra cá. Às vez é a própra maldade do homi que traz. Os bicho sente a maldade, e ela atrai eles ingual mosca na sopa.

Um poquim antes de eu dormir, Quebra-Osso zurrô uma vez. Oiei pra trás no susto, mas num vi nada. Cê sabe... minha mula Quebra-Osso tem uma mania de piscá um oi – o oi branco que ela tem, que o outro é preto –. Aí eu já sei: sempre que ela fica piscano o oi branco, eu já sei que tem coisa ruim perto. Pur causa que a bicha sente. Sente o que vem.

Apertei meu terço mode trazê proteção. Depois beijei minha garrucha. Aquela cuspidozinha de fogo foi binzida pelo meu Pade lbiapina, que hoje já tá do lado de Deus. Nunca erra um tiro.

Aí depois eu me deitei no chão duro mermo, com a cabeça nas cuberta. Virei a cabeça pro lado e durmi. Vi nem o tempo passá.

O sono vêi na hora, mas num levô tudo não. Benzadeus, sempre tive o sono leve ingual o de gato em teiado de barro quente. No mêi da noite, meu oi abriu foi sozin. Um frí cortô a brasa da fuguêra, e ali, na bêra do escuro, mêi imbrenhada num pé de planta, foi que eu vi...

Era uma visage.

Eu te juro!

E dar mair medonha!





A visage me oiava de alto a baixo. Eu te juro, ela tarra na minha frente, mermin coma tu tá agora. Tinha uma cara de cavêra e os cabelo cumprido, que vuava no vento da noite. A boca rachava de ponta a ponta. Ela briava no escuro, coma se anunciasse que num era de carne e osso.

Eu num gritei nem tremi. Num disperei. Rezei pra Nossinhora Aparecida, mode dar proteção. Já cunheço a reza, e é boa contra visage. Rezei fervoroso, aí a coisa desmanchou no vento.

Parei um tempo. Mode ouvir.

Parecia tudo quéto. Quéto inté dimais... Mas eu já cuincia, sabia que às vez visage some só pro oi, mas ainda tá lá.

Curri inté meu bernal, puxei meu chá de Jurema Preta e bibi.

Foi intonce que eu ispiei, atrás de mim, a bicha iscundida.

Foi ráp dimais...

Eu num pensei duas vez. Me irgui, puxei a garrucha bençoada e disperei. O chumbo foi. A coisa gritou. Mas num sumiu. Num sumiu!

O facão vêi na minha mão, e eu cortei o bicho, cortei e cortei, e ele gritou. Pior que grito de gente, pior que o mundo parino dor. Mas desapareceu.

Eu fiquei de pé. Sobrevivi pra contar a história.

Mas foi aí que eu senti a dor ardosa no meu braço. A bicha tinha me marcado. Vi a queimadura. Era mermo que brasa. Fiquei ferido tumém.

Eu caricia de um lambedor de angico-branco, urgente... Mas eu não tinha ali mais eu.





De manhã, ainda cum o braço em brasa, montei Quebra-Osso e me botei caminho adentro. Eu cuincia a rigião. Tarra perto do casebre de Seu Mazim.

É um casebre aomilde, e fica dibaxo de um pé de Jurema Preta. Lá faz sombra, e é um lugar que só tem as boas alma.

Seu Mazim me recebeu muito bem, coma sempre. Nem me perguntou nada. Oiô pra marca no meu braço, puxou um gai de angico e preparou a mistura. Deu nem dez minuto, ele me passou o xarope num copo de barro.

Fidia mais que carniça de onça. Mas curava. Ele me oiô e balançou a cabeça.

— Homi, um dia tu se acaba. - ele falou.

Falei foi nada. Continuei bebeno.

Eu sei que ele tarra certo. Mas ô num podia pará. Ele sabia.

— Tu anda atrás de quê, Zimbrino? - perguntou.

— Sete Pele.

— Ôxe! E tem Sete Pele solto por essas banda?

— Tem. E o bicho é dos grande.

— Chagas aberta... Nosso Sinhô proteja nós tudo.



— Estrupiô uma famia todinha... Butô um pade pra corrê no rumo da vila de Santa Quitêra. Derribô três cruzero no pé da istrada. Última vez que eu vi foi perto do Ôi d'Água do Pajé. Mas perdi o rastro dele... e agora tá me apareceno incosto em tudo quanto é noite.

— Pois venha que eu quebro, Zimbrino. — o preto caminhou inté a cadeira véia de balanço dele. - Se ajuêi aqui.

Eu se ajueiei perto da cadera. E intonce ele pois-se a rezá:

*— Toda zanga cobiçada que vende a pele, a carne, os ósso,
ur nervo e o sangue de Zimbrino será distraído.*

*E tomém distraio todo o mal jogado nas água do mar coiado,
nas sete incruziada, nas sete casa de quem deseja o mal.*

A reza me fortaleceu. Eu senti o alívo gelado na pele. Seu Mazim falou:

— Levanta, Zimbrino. Levanta e que Deus e todos os santo te acumpõe.

— Brigado, meu véi.

— Os incosto vão sumir pur umas noite, Zimbrino. Mas se tu cuntinuá essa pirsiguição, num agaranto que a proteção dura muito não.

— Tem pobema não, meu véi. Tua bênça já agradeço pur dimais.

Seu Mazim me intregô uma copada de chá de jurubeba, que inchi no cantil, mode a coisa ficasse reimosa eu beber.



E depois agradeci.
Subi em Quebra-Osso e segui meu rumo.
Minha história com aquele Sete Pele estava prestes a ingressar no meu futuro.
E eu ainda não tinha nem ideia do quanto.





O POVUADO PERTO DO POÇO



 sol já vinha descendo quando cheguei num piqueno povoado. O calô tarra brabo, e a sede tarra grande, intão fui logo no rumo dum poço que tinha aculá.

Puxei o balde, bibi um pouco e inchi meu cantil.

Foi aí que pircibi uma muié oiano iscundida pur distrás da porta de casa.

Caminhei inté lá divagar.

— Ô de casa! - falei, bateno palma.

A dona da casa apareceu. Era a muié que eu tinha visto.

A muié tinha medo, darra pra ispiá nos ói dela.

Calada vêi e muda ficô. De drento da casa darra pra ouví os grito de minino brincano.

— O que foi, minha senhora? - perguntei.

A muié me ispiô de alto a baixo. Intonce pariceu tumá corage antes de falar.

— Nada não, seu moço.

— Oxe! Pode dizer... ande, tenha medo não. Zimbrino aqui pode acudí.

— Achei que fosse visage, meu fi.

— Visage, é? Ai vai... E aparece visage pur aqui?

— Aparece dimais, seu moço.

— E é? Pois pode me contá. Sou doido pur essas históra.

A véia oiô pra trás, coma se tivesse confirino se tinha por perto algum dos minino que eu tava ouvino gritá lá drento.

— O coroné... o véi. O dono dumas terra aqui perto...

— Qui tem ele, minha véa?

— Morreu faz mais de ano... mas num foi. O povo dizia que tinha parte cum Cão. De vez em quano o povo dizia que a janela da casa grande clariava coma candeia. Eu mermo nunca tinha visto... Mas já faz umas noite que tá sempre apariceno a janela incandiano lá. A janela clareia de um fogo vremeio.

A véia mal falou e já foi logo se benzeno e beijano uma medáinha de Santontoin que tinha no pescois.

Na merma hora pensei logo no Sete Pele. Bem capaz de sesse ele lá.

— A sinhora sabe me dizer há quantas noite que aparece essa candeia lá?

— Deve fazer três, quatro noite. Nem cinco noite num fair.

Dito e feito! Só podia sê o Sete Pele!, pensei logo pra mim.

— Onde fica essa fazenda, dona Maria?

A véia apontou pro rumo de um serrote que tinha aculá.

Eu oiei pra cabeça do alto. A poeira correu na estrada.

— Pois tá dididido! Eu vou é lá! - falei logo.

A véia inregalô os ói.

— Meu fi, faça isso não... Aquela casa é maldiçada! Nem o pade do povuado anda lá...

— Oxe, poir agora que eu vô mermo! A siora me tratô bem, intão eu quero ajudá. Se eu pudé livrá ocês desse incosto, vai ser meu prazê!

— Seu moço, a fazenda do coroné é cercada por uma lagoa seca. Ninguém consegue entrá lá não.

— Meu santim é forte, dona minina. Se avexe não. Dispois eu passo aqui pra lhe confirmá a históra.

A véia percebeu que num darra pra discutir cum eu.

— Cuma é seu nome mermo, seu moço?

— É Zimbrino, siora. Zimbrino das Alma.

— Que Nossinhora te acumpãe, Zimbrino.

— Amém. - respondi e me dispidi.

Eu senti o vento da tarde bateno nas costa quano subi de volta em Quebra-Osso.

Peguei a estrada mais a mula...

No rumo da fazenda maldiçada mode pegá o Sete Pele.





A FAZENDA MALDICUADA



Quano eu tarra siguino o sertão, já tarra perto de siscondê. O sol já ia isapareceno por distrás dos morro.

Eu tarra me preparano pra dá de cara co Sete Pele naquela casa grande do Coroné... E foi aí que eu vi no céu a coisa mais linda.

Passou o bichão avuano por cima da minha cabeça. O Asa Branca.

Tem gente que nunca viu ele. Mai eu já vi umas poca de vez. E toda vez que ele passa avuano pur perto eu sei que tô no caminho certo. Que tô fazeno a coisa certa, e ajudano a alimpá o sertão e a Terra do Incantado dos coisa ruim.

O vento soprou mais uma vez, e o Asa Branca sumiu da vista.

Quano eu cheguei perto da lagoa que a muié tinha dito, quase num tinha sol mais.

A fazenda tarra morta... Mas inda tarra viva.

A lagoa seca rachava o chão em volta, a casa tava escura, mas o sol não tinha coragem de tocar as telha. Realmente num tinha coma atravessá a lagoa, ingual a muié tinha dito.



Passei um tempo pensano no que fazer, mas aí vêi... Puera de Breu. Aí já sabe.

A puera inguliu tudo. E eu sabia bem... que já num tava mais no sertão normal... tarra agora na Incantaria. Otro mundo.

Oiei de novo pra lagoa, e num era mais lama. Era água de brejo. Por cima dela subia nebrina.

No mei da lagoa, um barquero apareceu.

Silencioso, de chapéu de paia. Num dava pra vê a cara de jeito nenhum.

Ele incostou o barco na marge e me deixou subir.

Eu num falei nada. Só sigurei na garrucha e no facão e subi.





barqueiro num disse nada. Quano eu subi, ele pegô o remo e fez o barco dirlizá na água.

Eu num sabia se ele era home ou se era outra coisa. Num tinha o que fizesse inxergá a cara dele. Mas os ói dele briarra cum brio branco feito o refleques da água.

Ele me levou pelo mei da lagoa, que paricia um brejo, e as água iscuricida riflitia um céu que num era o mermo de ante. O mundo tarra mudado. Entrarra cada vez mais fundo na Terra do Incantado.

Quano o barco iscorô do otro lado, o barquero istendeu a mão coma se isperasse um troco.

Infiei a mão no bolso coma se percurasse alguma coisa, mas sabia que não tinha nem um tustão.

O vento fri soprô.

— Ô, seu barquero, cê vá me discurpano... Tô sem nada aqui. Mas no ritorno eu lhe intrego uns mirréis.

O vento fri soprô mais forte.

E, dessa vez, levô a nebrina pra longe.

Do outro lado, na margem da subida pro casarão, eu vi uma cena terríve.



Ero bem uns cinco Corpo Seco me oiano. Me isperano.

Não se mixia, mas tarro ali, coma se já subesse que eu vinha.

Peguei firme no facão e rezei pro orixá da força, Ogum de São Jorge. A noite ia ser mair longa que eu isperava.





iei pros Corpo Seco. Todos ero preto e vistia ropa paricida.

Pircibi que divio ser iscravo do coroné antes de morrê...

Intão divio tá morto há pero menos uns vinte ano. Um Corpo Seco véi assim é bem difíce de derribá. Avalie cinco.

O premero se moveu, istalano seco ingual gai no sol quente. Os ói ero coma duas cova funda sem brio, e a pele colada no osso era mais dura que couro curtido.

Só reza num ia dá jeito. Puxei meu bernal bem rápido inquanto dibrava o golpe do premero. Tirei de drento um saco de cinza que eu carrego de Mãe Lurdinha de Agrião, benzedera forte de Sobral.

Quano vei o sigundo com azunha, eu abri o saco e joguei o pó preto no bicho.

O Corpo Seco gritô um grito sem vida, sem fôlugo, coma se arrancasse um pedaço de alma dele. Se despedaçô, sumino no vento, feito pó.

Mas os otro vinha vino.

Eu tinha muita poca cinza. Lá sabia que ia infrentá Corpo Seco... tarra pirsiguino era um Sete Pele.

A noite deu foga não... Os Corpo Seco viero tudo junto, e eu sabia que mermo eu seno rápido coma sou, o facão sozin num ia resolvê tomém não.

Dibrei mais um golpe dum bicho fei, que passô pustrás. Eu girei e rebolei cinza nele. Otro virô pó.

O saco da benzedera já tarra quase vazi, e eu num tinha tempo pra otra reza.

Otro pulô pra cima de mim. Era rápido feito o cão. A pele era dura, seca que só casca de pau, e os oi era vazio, sem nada drento. Me abaxei e a mão dele passo direto, enquanto eu joguei o resto da cinza na minha mão. Eu me alevantei e isfreguei a mão cum cinza na cara do otro que vinha atrás, e a coisa gritô coma se voltasse pro inferno, depois virô pó.

Mas ainda tinha mais um, e a cinza tinha acabado.

Era o facão agora. E fé.

Me virei co facão na mão. Um Corpo Seco vei num pé de vento, mas eu já cuincia o jeito dos desgraçado. Quano ele alevantou os braço seco pra me pegá, abaixei e furei bem no mei das custela dele. O facão intrô, mas num era carne, era quase pedra. Butei força e puxei o facão pra baixo, torano o cão num estalo seco. O Corpo Seco se disfez ingual puera, sumino no vento fri da Incantaria.

Pronto.

Tarra feito. Rispirei aliviado. Mas aí...

...o barqueiro, que num tinha se mixido inté aquelas hora, se alevantô do barco e deu um passo pra drento da água rasa. O chapéu de palha iscondia o rosto, mas eu sinti os ói dele em mim, coma brasa no coro cru.

— Tu num devia tê vindo, caboco... — a voz vêi grossa, pareceno vir de drento da terra.

Engoli seco. Sabia que a travissia num ia sair de graça. Segurei firme o facão, sabeno que a próxima peleja era mais ele.

O vento parô de sopra. A puera no ar congelô, coma se o tempo tivesse prendido a respiração. O barquero alevantô uma das mão ossuda e sigurô a borda do chapéu, puxano devagar.

O que tava ali embaixo num era humano. O rosto era uma cavera preta, com umas raiz riturcida cresceno por drento das fenda do osso, quais coma se a terra tivesse pessuído o cadávi dele. A boca se abriu, e de drento saiu um sopro de ar seco e catingoso.

— Tu cruzô a lagoa, mas agora tem que pagá.

A voz num tinha eco. Era coma se só eu pudesse ouví, coma se o mundo tivesse ficado moco.

Eu num pensei duas vez. Dei um passo pa trás, sigurano o facão no alto.

— E qual é o preço? — perguntei, sintino a garganta seca.

O barquero deu um sorriso morto, e os osso do rosto dele istralaro.

— Um pedaço de tu. Um que num cresce de volta.



Senti um arrupí corrê o ispinhaço. Eu sabia que barganhá cum coisa da Incantaria nunca saía barato. Mas eu também sabia que num tinha volta.

— Pois intão vem buscá — falei, afundano os pé na lama.

Foi aí que o barquero vei na minha direção.

O bicho curria dislizano a terra coma se os pé num tocasse o chão, avuasse. O vento que arrudiava ele ficô mais pesado, coma se a noite tirresse contra eu.

Homi, eu num pensei duas vez: puxei logo a garrucha bençoada e meti um balaço no mei da cabeça do barquero. Ele vuô pa trás e caiu discosta cum o chão.

E lá mermo ficô.

Caminhei inté perto do corpo do maldiçuado.

— Ocê pode ficá cum o troco. — falei pra ele.

Dipois eu guardei a garrucha, guardei o facão e caminhei ribancera arriba.

Inté a casa grande do coroné.





A fazenda se irguia no breu, mermim um monstro de pau e peda que o tempo num conseguiu derribá. As janela ero buraco negro, que paricia uns ói, vigiano quem se atrevesse chegá perto.

Sinti um aperto no peito. O ar fidía a coisa ruim.

Carniça.

A puera de breu que arrudiava a casa avisava que ali drento ainda tinha praga pra se infrentá.

Abri o bernal, puxei o saco de chumbo benzido e recarreguei a garrucha. O trabai num tarra terminado ainda. Ia cumeçá era agora.

Dei o premero passo e senti o chão gemê dibaxo das alpercata.

A casa esperava por eu.

Foi aí que ouvi um barui na porta. Virei rápido, já puxano o facão, mar o que eu vi me pegô de supetão.

Na solêra, briano ingual fantasma, cum zói que alumiaava as venta e tudo ao redó, um homi preto, mago e troncudo, coçarra o quêxo assombrado, cum ar disconfiado. O terno surrado

mostrarra que um dia sirviu na Casa Grande, e o oiá era de quem num tarra gostano do que via.

— Ôxe... E ocê, cabra, quem é? Num sabe que num se entra na Casa Grande sem a pirmissão do coroné? — disse o fantasma, cruzano os braço.

Eu surri de lado e ajeitei o chapé na cabeça. Fiz questão de respondê no capricho, todo impirtigado:

*"Meu nome é Zimbrino, Zimbrino das Alma!
Num tein mêdo iscuro, o fri da noite miacalma!
Nasci sem pai e sem mãe, dibaxo dum pé de pranta,
Sô fi da Jurema Preta, abençulado pera própá Santa.
Vivo no mei do sertão, às vez na Incantaria.
Já vi coisa que assusta o cão, fiz djabo perdê valentia!
Caço peste, praga e coisa-ruim, isso inté as visage fala...
Cumigo num se mete a besta, a menis que quêra bala!"*

O fantasma me oiô pur um instante, coçano a cabeça, impressionado cum meu atrivimento. Intão bufô e bateu as mão nas coxa.

— Oxente! O home é valente, isso é... Mar ói... aqui num se entra assim não, só no leriado. Aqui é casa grande, do coroné Vicente Sombra, o finado! Meu patrão é gente importante, cabra! Mió dá mêm volta... que daqui num pode passá!

— Marrapaz! E é tu que vai mi impariá de entrá? — falei, já sigurano firme o facão.



Nessa hora eu tein pra mim que a alma pensô duas veiz.

— Calma, caboco! Que eu num gosto de violênça! — o preto logo se apressô falano. — Vamo fazê um trato: se ocê me ganhá numa cumpetição, eu deixo ocê passá! Simpres assim, sem compricá. — disse ele, impinano os peito.

— E que diabo de competição é essa? — perguntei, baxano o facão.

Ele surriu largo, os dente briano azul no escuro.

— Cuspe à distânça! Quem cuspi mair longe, ganha! — falô, orguioso.

— Oxe! E isso lá é cumpetição?

— Mas é! Quano eu era vivo, ganhei umas penca de veiz... Cada goipada que eu dava, tu tinha que vê... Era tanto cuspe que moiava era um bacurim do rabo à fuça... — Falô e já foi se apreparano, cuma se já tivesse certeza da vitóra.

Coei a barba, rivirei os ói... e guardei meu facão.

— Veje bem... Eu num custumo fazê trato cum alma penada... Mair bem que ocê parece sê gente boa. Intão eu topo! — falei, cruzano os braço.

O fantasma deu um pulo de animação e se impirtigô. Andô três passo e se aprumô de frente o barro seco ao redó da casa.

Tumô fôlugo, inchô o peito e... PFFFF! Cuspiu uma luz isverdiada que saiu zunino mermin um tiro, atravessano o terrero e sumino no escuro. Ói, eu te juro... o diabo desse cuspe deve ter vuado uns vinte passo! Era uma jogada impussíve.

Ele se virou pra mim cum um sorriso de vitóra.

— Quero vê ocê ganhá essa, seu valente! — zombô, cruzano os braço.

Rispirei fundo. Danô-se.

Moço, essa peleja num darra pra ganhá não! Eu sabia que, coma o otro era um fantasma, o cabra pudia usá coqué bruxaria mode fazer o cuspe pegá carona com o vento ou inté atravessá a Encantaria duma ponta à otra.

Num tinha coma eu ganhá.

Intão eu fui andano percurano onde tinha caído o cuspe do preto. Me aproximei de onde eu lembrarra e fiz uma cara de percupado.

— Oxe, seu isprito... me diga aqui uma coisa... Quano foi a última vez que ocê mijô? — perguntei, coçano a cabeça.

Ele inregalô os ói.

— Quê? Alma num mija, home! — recramô.

Eu inmendei:

— E última vez que cumeu?

Ele bufô, impaciente.

— E fantasma come, peste? Eu sô morto, num perciso mais dessas coisa!

Foi intão que dei meu bote:

— E cuspe? Coma cê rai consigui cuspí se ocê num bebe água há mais de vinte ano? Tu num tem mais cuspe, caba! Quedê o moiado? — aponteí pro chão, mostrano que não tinha marca de cuspe nenhum, em qualquer lugar que fosse. — Se num tem moiado, num tem cuspe! — compretei.

Ele ficou parado, piscano divagar, oiano pro vazí, coma quem pensarra na vida — ou na morte.

— Ôxe... mas é mermo, né? — murmurô, botano a mão na boca, surprêis. Fez coma fosse cuspir de novo, mas não saía moiado. Só saía luiz.

Bati a mão no quadril e dei um sorrisinho.

— Pois intão... ganhei! — falei, ajeitano o facão na cintura. — Agora abra essa porta aí, que eu tein um capeta pra arrancá da casa!

A alma ficô imburrada por um instante, mas logo deu uma gargaiada alta, bateno na própria barriga assombrada.

— Caboco, ocê é liso ingual sabão de roça! Essa eu num tinha pensado! Tá certo, tá certo! Pode passá, mas num vá dizê por aí que o famois Bento Saliva perdeu, viu? — resmungô, mas abriu a porta de par em par.

Eu ri, bati a aba do chapéu e me aprumei pra entrar na Casa Grande. Aí o criado falou mais uma coisa:

— Mas ói... Vou te avisano pur causa que tu é um homi de bem... Toma cuidado co coroné! Derde que morreu, num é mais o mesmo. Pra piorá, já faiz uns dia que ele tá mais incapetado ainda!

Balancei a cabeça, confirmano que intendi. Eu já tinha chegado inté ali... eu num ia mermo disistí.

Entrei pa drento da casa...

Agora era que a peleja ia cumeçá.





A porta da Casa Grande se fechô atrás de mim cum estralo, e o silêncio tumô conta do lugá. Só se uvia o rangido da madêra véa dibaxo dos meus pé, coma se a casa recramasse que eu tinha intrado.

O breu ali drento num era normal. Era coma uma sombra pesada, viva, que parecia grudá na pele. O ar fidía a coisa ruim: carniça, inxofre e uma catinga doce e injuada, mei oliosa, que num combinarra cum nada do mundo dos vivo, nem cum as parte boa da Incantaria. Respirei fundo e continuei.

Cada passo fazia o chão gemê, mas a casa num respondia. Só o silêncio e o breu me seguia, inté que uma fresta de luz incarnada chamô minha atenção no fim do corredô.

Abri a porta divagá, e um bafo quente pegô na minha cara. O cômudo era grande, mar quais todo tomado por uma nebrina grossa mei avremeiada, que se ritucia no vento coma se fosse viva. No mei da fumaça, sentado im uma cadêra imponente de madêra taiada, tarra ele.

O tal do Coroné Vicente Sombra.

Os ói dele ero fundo dimais, mar briava.



A pele, seca e branca, ingual papel véi. Ele tarra cos dedo mago cruzado in riba da barriga, coma se tivesse me esperano fazia tempo. Quano me viu, surriu. Um sorriso que num tinha alegria, só um gosto de coisa ruim.

— Inté que enfim, Zimbrino das Alma... — a voz dele incheu a sala, rôca e pesada. — Achei que ocê num vinha.

Me arrupiei. Ele sabia meu nome. Apertei o cabo do facão no cinto e oiei aquele maldiçudo.

— E tu tarra me isperano pur mode quê, macho véi? — devuvi.

O coroné inclinou a cabeça de leve, os ói briano de um jeito estranho.

— Eu sube de tu lá nos Inferno... — ele falô, arrastano as palavra. — Os cão fala muito de tu... E eu quis conhecê tu tomém... Vê se tu vale o que eles diz.

Continuei andano divagá, intrano na sala.

— Oxe! É a premera vez que eu uvi falá de coroné dos Inferno! — falei — E por acaso tem fazenda por lá tomém?

O coroné riu cuma risada rôca e incapetada.

— Zimbrino, Zimbrino... já me dissero que tu é um caba isperto. Intão eu sei que tu já percebeu... Êche coronezim foi a minhó opção que eu vi pra sigurá meu isprito neche mundo do lado de cá inté tu aparecê, cabra! Pusque o corpo seco dele assombrarra essas terra pra mair de vinte ano. Eu tuve que atravessá quais todo o sertão pra tu me apercebê e te atrair pra cá.

Um arrupí correu meu ispinhaço. A coisa ali realmente num era só um morto qui tinha isquicido de morrê não... Num era só uma alma penada não. Era ele. O Sete Pele que eu tarra percurano. E o que era mais pió: ele tarra quereno era alguma coisa mais eu!

Eu num pensei duas vez. Cruzei os dedo na frente do peito, catei meu Rusáro de Conta Sangrada e intuei a reza forte, antiga, que aprendi mais uma benzedera do Cariri:

*"Lur de Deus, brío sagrado,
Corta no breu, queima o errado.
Se é peste, se é praga,
Se é cão ou coisa ruim,
Sai de reto, pra longe di mim!"*

A fumaça no quarto se arrevirô. O coroné tremeu, coma se a reza tivesse feito cócega na carne véia dele. O côro da cara se intortô, os dente rangeu, e ele riu baixo. Mas os dedo crispado denunciario o incômedo.

— Ah, Zimbrino... Tu é mesmo um caboco danado... — ele disse, ina surrino, mar agora com um bilotim de raiva. — Mar tu num rai me tirá daqui cum reza, não...

Nessa hora a pele dele cumeçô a se abrir.

Premero na barriga, um corte fino que se abriu sozinho, subino inté o peito. Depois, os braço e as perna. A carne se discolava ingual roupa véia, revelano uma coisa preta e reimosa

por baixo. O sorriso se alargô dimais, as buchecha rasgô, inquanto ele cumeçarra a sair de dentro do próprio corpo.

A pele do coroné caiu no chão, vazia, ingual feita de burracha.

E no lugar do corpo, de pés, agora tarra o Sete Pele.

Um demôin do sertão. Um dos braço direito do próprio Capeta.

Os ói ero chamás amarela presa drento de buracos escuro, e o corpo reluzia preto numa carne grossa e rachada, mermin côro de boi queimado pelo sol. O cheiro de podre ficô mais forte, a fumaça girô in volta dele. Os chifre do bicho darra bem três veiz os chifre de boi. Sigurei logo meu facão.

Foi aí que ele me oiô direto, e a voz vêi num tom diferente, grossa e rôca, pariceno um arrote:

— Agora sim... Agora a gente pode cumeçá.





Sete Pele me oiô direto, e a voz dele vêi num tom diferente, grossa e rôca, pariceno um arroto:

— Agora sim... Agora a gente pode cumeçá.

Eu mixi com muita coisa ruim antes, e inté já butei um Sete Pele de volta prus inferno uma vez. Mar aquele aculá era otro nívi, menor e mair fraco. Mar esse cão si mixia coma quem num tinha pressa, coma quem já sabia que era dono da situação. E, pior... esse aí coincía eu.

Puxei o Rusáro de Conta Queimada e inrolei na mão isquerda, sintino o calô da fé pulsá nos dedo. Eu já tinha usado aquilo pra afastá coisa ruim antes, e naquele dia ia sirví de novo.

— Pode cumeçá, mas eu agaranto que tu num rai gostá de coma acaba. — falei di volta, puxano a garrucha bençuada.

O Sete Pele riu, cum ronco cavernoso.

— Gosto de tu, Zimbrino... Pena qui tu rai se arrepêndê de tê pisado aqui. — e intão ele vêi pa riba, num pinote que fez o ar istremecê.

Nessa hora o djabo feiz um quebrante que pariceu se transformá numa sombra iscura. Essa sombra vei vuano no meu

rumo, e aí eu senti coma se ela tivesse tentano tumá meu corpo. O miserávi tarra tentano me pessuí.

Mar ele num isperava que eu era fechado contra essas bruxaria, porque eu nasci no premero reino da Jurema, ca bênça do Rei Tanaruê. Carrego mais eu a potreção dos santo e dos incantado de Campos Verde. Os bicho do inferno num pode tumá meus coró fácil assim não.

Sinti o peso da sombra me envolvê, um frí ruim que tentava se intranhá nos osso, mas eu já tarra preparado.

Apertei o Rusáro e gritei uma reza que era mais véia que eu.

*“São Cipriano, que fecha o corpo,
Nossinhora, que guarda os santo,
Que o mal não me ocance, que o cão não me tome,
E que me potrejam dos malincanto.”*

A sombra do Sete Pele si tremeu toda, se rivirano no ar ingual cobra. Ele urrô, puxano a sombra disvolta, os ói brasa ardeno de raiva.

— Ah, fi de quenga! — rosnô. — Intão tu já vêi privinido, né, cabra safado?!

Cuspi no chão e ajeitei o chapéu.

— Achô que eu ia entrá no terrêro do cão sem bota de côro? — provoqueei.

A criatura arreganhô os dente e vêi pra cima, morto de invocado. O tinhoso tentô tumá meu corpo eu sei pur causa de quê. É pur causa que na carne de um vivente ele pudia ficá nesse

mundo sem voltá pro inferno o tempo que quisé. Mas, coma num conseguiu, agora ia tentá me torá do jeito véi: na força.

Minha mão foi ligêra. Disparei a garrucha, o tiro de chumbo binzido pegô bem no peito do monstro. O bicho urrô, mas num caiu. Só recuô um passo, e a fumaça arrudiô em volta da firida dele, que cumeçô a fechá sozinha.

— Ah, intão tu sente isso, né? — surri de canto.

O monstro feiz um som horrívi que mais parecia um arroto. Agora é que tarra brabo mermo!

Antes que eu pudesse puxá o facão, o Sete Pele sumiu. O ar ao meu redó pesô, e num deu nem tempo de reagí... Quano dei conta, as garra dele me acertaro no peito, rebolano eu longe.

Vuei uns dez passo pa trás e bati na parede numa lapada seca... e senti o sangue quente iscurrê pera minha coraça rasgada. Minha vista imbaçô, e a dor era só latejano. Ele taiô um corte fundo, e tarra saíno mei mundi sangue.

Puxei o vrido de Chá de Jurubeba que Seu Mazim tinha me dado antes e virei num gole só. O gosto era amargo que só a mulesta, mas bem rapidim o calô bom subiu peros peito, e a dô aliviô. E tomém meus ói cumeçaro a vê bem direitim tudo que tinha ao redó, inté as coisa invisívi.

— Pronto, desgraça... Agora nós brinca de ingual pra ingual. — falei, istralano o pescois.

O Sete Pele me oiô de cima, os ói brasa briano no breu.

— Isso rai sê divertido... — ele disse.

A peleja tarra só cumeçano.





bicho vêi de novo, correno feito o cão. Eu já sabia que ele num era besta de me dá folga. Joguei o corpo pras trás bem na hora e senti as garra dele passá no vento, in riba dos meus peito.

Apruveitei e puxei ligêro um gáí de aruêra do bornal e dei-lhe uma lapada no lombo, que fez um istralo seco no ar. O Sete Pele urrou de dor e cambaliô pras trás, cum os ói im brasa inregalado.

— Pois num é que arde? — provoqueei o bicho, rodano o gáí na mão. — Diz que aruêra espanta peste... Vamo testá!

Num dei tempo pro chifrudo pensá. Puxei o facão consagrado e me joguei pra riba dele. Fiz um tai bem no ombro dele, rasgano aquela casca grossa, e um caldo preto escorreu pera pele do bicho.

Mas, em vez de gritar, o nojento fez foi rir.

— Ah, Zimbrino... — ele disse, num tom de quem tarra gostano. — Tu é mermo um cabra sabido... Mar eu tomén sô!

Foi aí que ele garrô meu braço de cum força. Tentei disviá, mar num deu não. Foi rápi dimais. A mãozona dele era quente, quente demais ingual brasa. O côro grosso dele firvia, e senti minha pele queimá. Murdi o beíço mode num gritá, mar o cão apercebeu.

— Tá sintino o calô do inferno, cabra? — ele feir pôco de mim, apertano inda mais.

Sem pensá duas vez, fiz o que qualquer cristão de bom senso faria: puxei a cachaça da sacola e virei um gole.

O Sete Pele arregalô os ói.

— Tu tá bebeno no mei da peleja?!

Engoli e limpei a boca com o braço bom.

— É pra moiá a goela antes de rezá mais forte! — e cum a mão livre puxei o Rusáro de Contas Queimada, prensano ele nos peito do monstro. Cumeçô fumaçá a pele do bicho.

Intão eu cumecei a rezá umas palavra na língua dos caboco da Jurema:

*"Tupã, tori pe avá,
Yby tuîuî, Anhangá porã!"*

A pele do bandido fumegô, queimano ingual papel no fogo.

O Sete Pele urrou, se balançano, e num teve jeito: me largô e pulou pra trás, cum o côro rachado e torrado.

Intão algo inda mais istranho aconteceu:

A pele dele cumeçô a rachá inda mais. Coma uma cobra que se disfaz da casca, ele trocou de pele ali na minha frente, revelano uma forma mais horrívi pur baixo. A cada pele arrancada, ele ficarra mais forte.

— Agora tu entende, né? — o monstro riu, cum a voz ecuano istranha. — Eu num sou só um... Eu sou Sete! Sete Pele!

¹ *Tupã, afasta os espíritos ruins. Terra sagrada, que Anhangá se vá em paz"*

Um Sete Pele é um bicho muito pirigoso... premero porque pode si transformá im várias pessoa diferente, mas também porque veste sete carapaça, uma im cima da otra.

Aí, moço, ocê infrentá um Sete Pele assim "no braço" é morte certa. Pur isso, carece de vencê usano a fraqueza dele... Veja bem, apesá do bicho se transformá no que quisé, se um Sete Pele oiá o refreques dele cum a aparença original de demoin, ele é puxado de volta pro inferno.

Mar é claro que eu já sabia disso, e tarra preparado... Puxei intão um ispeín que eu tinha mais eu no bernal. Mas, quano eu apontei pro bicho, ele foi rápido ingual um cão e derribô o ispei no chão, ispatifano o bicho..

— Tá achano que eu sô abestado, Zimbrino? - o maldiçúado riu.
Danô-se.

Sem ispêi compricava.

Meus ói currero pera sala. Intão, num canto, vi um ispêi empuerado, grande e incostado na parede. A solução tarra ali. Acontece que o Sete Pele tarra entre o ispei e eu.

— Tu pode inté sê grande, tinhoso... Mar eu sô mair ligêro! - me amostrei, já pensano num prano.

Aí eu fiz qui ia corrê prum lado e curri pro otro, inganano o monstro. Ele ficô pirdido e eu fui bem no rumo do ispei impuerado, e fiquei isperano ele oiá pra eu...

Mas sem si virá o bicho fez um movimento rápido cum o rabão dele, ingual um açoite, que bateu no ispei e fez o bicho se despedaçá im um monte de caco de vrido pra tudo quanto era lado...

Ah, maldiçuaado! Agora tinha compicado o negoço.

O Sete Pele intão baxô o braço bem ligêro no meu rumo. Eu rolei no chão, im riba dos caco de vrido mermo, em tempo de me cortá, mode levantá do otro lado.

Mas nessa hora aconteceu o que eu num imaginava: o condenado si virô rápido e pisô em riba dos meus peito cum força.

Eu pirdi o ar todim na merma hora, prensado no chão dibaxo do pé pesado dele.

— Bichim ligêro... Agora eu intendo o que os otro falavo de ti, caboco... Era tudo verdade. Realmente, tu num é um caba fulerage não... - ele falô cum aquela voz de jumento risfriado.

Eu inda tava mêi grogue da lapada nos peito... Ele me ingarrô pelo pescois cum aquela mãozona veiuda dele e me pindurô na parede, alto... Eu num consiguia nem incostá os pé no chão.

— Agora acabô pra tu, Zimbrino! — o bicho falô cum a voz cavernosa, me inforcano.

Eu tarra sem respirá, intão era só questão de tempo...

Mas eu inda guardava um truque na manga.

Purque, quano eu rolei pur cima dos caco de vrido, eu tinha catado um pedaço e guardado mais eu, drento da manga da minha casaca.



Eu puxei o caco de ispêi muito rápido e butei bem na frente da cara dele.

— Que diabo é isso?! — ele rugiu assustado.

— É tua cara fêa, casco fendido! — falei com dificuldade, sigurano o ispêi firme.

Num teve escapatóra. O refreques dele apareceu no ispêi, e ele mi largô rápido. Eu caí no chão.

O Sete Pele num teve tempo de fugí nem oiá pro lado. O bicho urrô, as seis pele restante dele começaro a se contorcê, se enroscano numa onda de côro preto e trimido. As mão dele tentaro se tapá, mas era tarde.

A terra tremeu, uma fumaça preta rodô no mêi da sala, e o Sete Pele foi puxado direto pur ela diretím pro inferno, urrano de raiva.

— Zimbrino, safado! Eu inda te pego, caboco sem regoin!! — gritô no disispero, inté que desapareceu no mei da fumaça preta.

E o silêncio caiu pesado na Casa Grande.

Fiquei ali, arfano, imborcado no chão, todo lascado, mar vivo. Ri baixim, cuspino um naco de sangue no chão.

— Pois num é que deu certo?

Butei o chapéu de volta, me escorei no facão e fui andano pra fora. Vêi uma puera de breu quano eu tarra lá fora. Ela vêi, girou im volta d'eu e de repente eu já num tarra mais na terra do Incantado. Voltei pro sertão.

O dia já tarra clariano, e o sol tarra nasceno. O tempo passa disregulado entre o sertão e a Incantaria. Ouvi o piado alto do Asa

Branca. Oiei pro céu e vi o bichão inorme vuano pur cima de mim. Ele tarra me ingradiceno.

Eu surri sardisfeito: mais uma vez, eu tinha limpado o sertão de uma praga que num merecia tá aqui.



A história de Zimbrino continuará...



DICIONÁRIO

Para quem não é como Zimbrino, natural do sertão, pode ser difícil entender algumas palavras do texto. Veja as mais relevantes e aprenda seu significado:

Alpercata: sandália, chinela ("alpargata")

Aprumar: arrumar, ajeitar

Arrevirar: revirar

Arrudiar: rodear

Bilotim: pouquinho, coisinha

Bornal: bolsa para transportar mantimentos

Caba: mesmo que "cabra"; homem, pessoa

Cabeça do Alto: parte mais alta de uma colina ou morro

Caboco: caboco; descendente de branco e indígena. No nordeste, é frequentemente usado como sinônimo de "cara" ou "machô"

Cabra: mesmo que "caba"; homem, pessoa

Dibrar: driblar

Discosta: de costas

Disvolta: de volta

Djabo: diabo

Drento: dentro

Êche: este

Famois: famoso

Fi: filho

Fia: filha

Fô lugo: fô lego

Imborcado: virado de cabeça para baixo

Impariar: atrapalhar, impedir

Incapetada: encapetada, do capeta, do diabo; irritado, arretado

Istrupiar: arrebentar, machucar, quebrar

Ispinhaço: coluna vertebral, dorsal

Isprito: espírito

Malincanto: maus encantos, quebrantos

Medonho(a): que dá medo, grande, exagerado

Menis: menos

Minhó: melhor

Mode: para, com objetivo de

Nече: neste

Nossinhora: nossa senhora

Ocançar: alcançar

Oi: olho

Ói: olhos

Peda: pedra

Penca de Vez: muitas vezes

Poca de Vez: muitas vezes

Percupado: preocupado

Percisar: precisar

Percurar: procurar

Pescois: pescoço

Pessuir: possuir

Potreger: proteger

Premero: primeiro

Pusque: porque

Quedê : cadê

Quenga: prostituta, meretriz

Refleques: reflexo

Reimosa: prejudicial à saúde, alérgica

Rusáro: rosário

Torar: partir, quebrar

Santontoin: Santo Antônio

Siora: senhora



GUIA DO SOBRENATURAL

No mundo de Asa Branca, o sobrenatural coexiste com o mundo real. Muitos desses elementos fantásticos possuem seus próprios nomes e significados. Neste universo, os seguintes elementos ganham destaque :

Alma: a essência imortal de uma criatura

Alma Penada: a alma de uma criatura que morreu e não seguiu o seu caminho, continuando presa no mundo dos vivos

Angico-branco (galho): planta com propriedades medicinais

Angico-branco (lambedor): no mundo de Asa Branca, é uma solução preparada por benzedeiros (como Seu Mazim) que serve para curar doenças

Asa Branca: o espírito protetor do sertão, criado por Deus muitas eras no passado. Habita a Encantaria, mas consegue atravessar livremente de lá pra cá e vice-versa. Tem a aparência de um enorme carcará

Barqueiro: um tipo de alma que vaga flutuando sobre um barco em rios e lagos reais ou imaginários; com frequência oferecem carona a quem precisar (e tiver coragem para aceitar tal companhia)

Benzedeira: pessoa com forte fé e fervor religioso capaz de produzir soluções místicas e remédios especiais, além de ser capaz de realizar uma prece especialmente eficaz

Campos Verdes: um dos Reinos da Jurema. Vide "Reinos da Jurema".

Cinza Benta: cinzas abençoadas pela Igreja, normalmente utilizadas na quarta-feira de cinzas

Corpo Seco: um morto-vivo cruel que se alimenta dos vivos. Embora não pense direito, é rápido e incansável. Pode ser derrotado com certa facilidade caso joguem-lhe cinzas bentas na pele.

Cruzeiro: crucifixo muitas vezes colocado em beiras de estradas para representar lugares em que alguém morreu

Encantaria: o mesmo que Terra do Encantado: o mundo espiritual, onde habitam muitas almas e criaturas extraordinárias, como o grande Asa Branca

Encosto: espírito obsessivo que se aproxima de pessoas e se alimenta de sua energia

Encruzilhada: caminhos que se cruzam. Graças à confluência de caminhos no mundo dos vivos, é um lugar apropriado para criar portais para outros mundos

Garrucha: pistola ou revólver antigo de tamanho compacto que pode possuir um ou dois canos. Normalmente tem capacidade para apenas um disparo antes de ser recarregada

Inferno: lugar ou estado de sofrimento extremo, seja físico ou metafórico. O reino dos demônios. Alguns mestres e encantados afirmam que há caminhos perigosos dentro ou ao redor da Encantaria, como “matas fechadas” ou “rios profundos” espirituais, onde vivem seres traiçoeiros – e alguns sincretizam isso com “caminhos para o Inferno”.

Jurema Preta (pé): árvore muito comum no nordeste brasileiro. É considerada sagrada para o credo da “Jurema Sagrada”, do “Catimbó” para algumas vertentes de religiões espiritualistas e também por credos indígenas. No mundo da Lenda de Asa Branca, beber chá de Jurema Preta lhe permite enxergar o sobrenatural ou mesmo viajar para o mundo espiritual (Encantaria)

Jurubeba (chá): chá especial feito a partir de uma planta medicinal que permite curar os ferimentos de alguém

Mar Coalhado: também chamado de “mar sagrado” ou “mar salgado”, é lugar espiritual de purificação, que fica localizado em algum lugar da Encantaria. Sobreposição às águas do mar do mundo real. Lá tudo que é negativo se torna positivo, as doenças são curadas, os males espirituais são cessados.

Nossa Senhora Aparecida: santa católica, padroeira do Brasil. No nordeste brasileiro, a devoção a ela é bastante disseminada

Ogum: orixá importante para as religiões de matriz africana. Figura sincrética com São Jorge

Olho d'Água do Pajé: uma fonte mística ao redor da qual tradicionalmente há aldeias indígenas. Fica muito próximo à cidade de Sobral

Orixás: divindades veneradas nas religiões afro-brasileiras. São considerados forças da natureza personificadas

Poeira de Breu: uma poeira mística proveniente da Encantaria. Avistar poeira de breu pode representar a proximidade de um portal para a Terra do Encantando

Primeiro Reino da Jurema: vide "Reinos da Jurema"

Quebra-Osso: nome da mula de Zimbrino

Rei Tanaruê: divindade indígena que habita os Reinos da Jurema, na Encantaria. Dizem ser o próprio deus Tupã

Reinos da Jurema: doze cidades ou reinos sagrados que existem na Encantaria, segundo a crença Jurema Sagrada, um sistema religioso afro-indígena. Esses reinos são moradas espirituais onde residem entidades como mestres, caboclos e encantados, cada um com suas características e poderes específicos.

Reza: ato de dirigir súplicas ou preces a uma divindade ou ser superior.

Rosário de Contas Sagradas: também conhecido como "Terço", é um objeto de devoção católica usado para recitar orações e meditar sobre a vida de Jesus Cristo e Maria

São Cipriano: figura religiosa venerada como santo tanto pela Igreja Católica quanto pela Igreja Ortodoxa, mas também é conhecido por sua associação com a magia e o ocultismo

São Jorge: santo católico, mártir cristão. Figura sincretista com Ogum

Sete Encruzilhadas: lugares místicos de poder e energia que ficam na Terra do Encantado, onde os Exus atuam.

Sete-Peles: terrível demônio do sertão proveniente do Inferno. Tem a odienta capacidade de assumir a aparência de pessoas para enganar e destruir.

Terra do Encantado: um mundo espiritual ligado aos reinos onde vivem os Mestres, Caboclos, Pretos Velhos e outras entidades de luz ou de trabalho. É tão grande ou até maior que o mundo real, e é marcado por floresta, desertos e outros ermos espirituais

Visagem: aparições sobrenaturais ou fantasmagóricas, muitas vezes associadas a lendas e contos populares

Zimbrino: herói de aparência afro-indígena. Nascido nas raízes de uma árvore de Jurema Preta que se localiza na Terra do Encantado, Zimbrino é dotado de habilidades especiais que o tornaram conhecido no mundo mortal e na Encantaria.



"E NO LUGAR DO CORPO, DE PÉS,
AGORA TÁRRA O SETE PELE.
UM DEMÔNIO DO SERTÃO.
UM DOS BRACOS DIREITO DO PRÓPRIO CAFETI."

No coração do sertão brasileiro, no ano 1900, onde o vento canta histórias antigas e a noite esconde mais do que revela, caminha Zimbrino das Alma — herói que carrega o legado indígena nordestino, vaqueiro de coragem e promessa.

Quando um temido Sete Pele, bicho ruim que veste pele de gente, escapa do mundo espiritual e começa a assombrar as paragens quentes do Ceará, Zimbrino se vê preso num embate de fé, astúcia e valentia.

Entre rezas fortes, rimas atrevidas e a força invisível da Encantaria, ele precisa descobrir: é possível vencer o terrível monstro... sem entregar a própria alma?

Com uma singular escrita que tenta simular o sotaque nordestino "raiz", esta noveleta convida você a mergulhar numa fantasia do sertão típica dos cordéis e das histórias contadas nas noites frias da caatinga.

ZIMBRINO DAS ALMA E O SETE PELE

por Bruno Mais Ois

